



<b>Veículo: O Liberal</b>		
<b>Data:</b> 19 e 20/11/2016	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 43
<b>Assunto:</b> Tecnologia		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Provocada	<b>Classificação:</b> Positiva

## Tempos modernos, velozes e midiáticos

### ANOS 90 E 2000

Avanços na área da tecnologia obrigam o jornal impresso a se renovar sempre

RAFAEL NEIDENMEYER - FOTOS PULCICAS

**VALÉRIA NASCIMENTO**  
Da Redação

Era da informação, digital ou tecnológica. O nome pode até mudar, mas ninguém discorda das invenções vivenciadas mundo a fora com a recente revolução na área das Comunicações. Embora a base tenha começado no princípio do século XX e, particularmente, na década de 1970, foi a partir de 1980 que as inovações tecnológicas passaram a mudar as rotinas profissionais com o surgimento do microprocessador, da rede de computadores, da fibra óptica e do computador pessoal. O advento tecnológico modificou - e ainda modifica - os meios de informação. Surgem novas plataformas para veiculação de conteúdo e, mais do que isso, a possibilidade de usar a internet abre diferenciadas conexões.

Novidades que exigem criatividade para um jeito novo de se comunicar.

Para a jornalista e professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Rosaly Brito, "a massificação da internet em meados dos anos 1990 e, mais recentemente, da chamada cultura da mobili-



Com a internet, o consumo de **informação** se torna amplo e impacta o jornalismo.

dade, com a popularização da telefonia móvel, imprimiu mudanças tão avassaladoras no ecossistema das mídias que alteraram de maneira irreversível rotinas profissionais, a relação com o público e com as fontes, com as fundas repercussões sobre o fazer jornalístico", expôs ela.

Rosaly Brito destaca, inclusive, que dada a rapidez e a profundidade das transformações, não é possível prever com segurança qual será a paisagem midiática do século XXI. "Mas é possível saber, pelo que já estamos vivenciando,

**"Quebra do monopólio da informação é benéfica para a imprensa"**

que, em certo sentido, será radicalmente diversa daquela que vigorou na segunda metade do século passado, marcada pelas mídias analógicas altamente verticalizadas que falavam para um público-massa com quase nenhuma chance de se fazer ouvir ou interferir no processo", afirmou.

As grandes redações em todo o País já admitem que, desde a massificação da internet, em meados dos anos 90 e, mais re-

centemente, da chamada cultura da mobilidade, com a popularização da telefonia móvel, houve mudanças tão avassaladoras no ecossistema das mídias que alteraram de maneira irreversível rotinas profissionais, a relação com o público e com as fontes, com fundas repercussões sobre o fazer jornalístico.

Rosaly avalia que no momento em que o público, por meio de plataformas digitais em rede, tem a possibilidade de questionar a informação que consome em tempo real, opinar, contraditar e fazer circular também em escala massiva informações, imagens e narrativas que ele próprio produz, as práticas jornalísticas tradicionais certamente precisam repensar a si







via. “Do contrário, estarão fadados ao fracasso”, afirmou a professora, para quem, “estamos presenciando uma quebra dessa verticalidade, pela possibilidade que o público tem atualmente de interferir e exigir rigor e qualidade da informação veiculada pelo sistema midiático. Esse aspecto por si mesmo responde por uma mudança de larga escala”, concluiu Brito.

“Hoje em dia você tem o celular que filma, fotografa, escreve e envia tudo em tempo real. Isso é maravilhoso. Não tenho nada contra. A última maravilha que estou estudando agora e acho

que podemos fazer é exatamente a questão de integrar as mídias, integrar as redações. Acabou-se o tempo em que a Regina Alves datilografava suas materinhas, entregava e pronto. O colega da rádio apresentava o programa dele e pronto. Hoje em dia, todos os meios convergem para essa grande novidade que são as redes sociais. Um dia desses eu vi uma comparação que eu achei bacana. Compararam o Facebook com aquele jornal do filme do Harry Potter em que as ilustrações em livros e as fotos em jornais não são estáticas, tudo se mexe e as pessoas falam em tempo real. O Facebook já é quase isso”, afirmou a jornalista e professora Regina Alves, que desde 1983 é docente da Faculdade de Comunicação da UFPA.

mesmas em busca de afirmar a credibilidade da informação que produzem.

“Creio que ninguém duvida que a quebra desse monopólio na produção da informação é muito benéfica para a sociedade e para a própria imprensa, que será cada vez mais exigida pelo seu público. Ao mesmo tempo, porém, como há muita dispersão e fragmentação da informação, continuará a haver por muito tempo, na minha opinião, um público ávido pela informação de qualidade, construída com rigor e investigação exaustiva”, disse a doutora.

Caberá aos veículos mais tradicionais, frisou Rosaly, buscarem fortalecer o vínculo com seu público por essa

mesmas em busca de afirmar a credibilidade da informação que produzem.